

Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais

2ª edição

IPHAN


FARINHA


FARINHA

Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais

2ª edição

Ações exemplares de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial e conservação dinâmica de sistemas agrícolas tradicionais

ORGANIZAÇÃO

BNDES | Iphan | Embrapa | MAPA | FAO

Brasília, Iphan, 2021

Presidente da República do Brasil
Jair Bolsonaro

Ministro do Turismo
Gilson Machado Neto

Secretário Especial da Cultura
Mário Luís Frias

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Larissa Peixoto

Diretores do Iphan
Arlindo Pires Lopes
Arthur Lázaro Laudano Bregunci
Leonardo Barreto de Oliveira
Raphael João Hallack Fabrino
Tassos Lycurgo Galvão Nunes

Departamento de Patrimônio Imaterial
Tassos Lycurgo Galvão Nunes

Coordenação-Geral de Identificação e Registro
Deyvesson Israel Alves Gusmão

Coordenação-Geral de Promoção e Sustentabilidade
Rívia Ryker Bandeira de Alencar

Coordenação de Identificação
Pedro Gustavo Morgado Clerot

Coordenação de Registro
Marina Duque Coutinho de Abreu Lacerda

Coordenação de Apoio à Salvaguarda dos Bens Registrados
Natália Guerra Brayner

Coordenação de Monitoramento e Avaliação da Salvaguarda
Ellen Christina Ribeiro Krohn

Divisão Técnica da Diversidade Linguística
Marcus Vinícius Carvalho Garcia

Departamento de Cooperação e Fomento
Raphael João Hallack Fabrino

Divisão de Editoração e Publicações
Bruna da Silva Ferreira

Equipe técnica responsável pelo 2° Prêmio:
Aline Beatriz Miranda da Silva (Iphan)
André Luis de Oliveira Araújo (MAPA)
Bruno Fernando Reis Malburg (BNDES)
Conrado Leiras Matos (BNDES)
Deyvesson Israel Alves Gusmão (Iphan)
Fernanda Regina Munareto (BNDES)
Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante (Iphan)
Jane Simoni Almeida (Embrapa)
João Roberto Correia (Embrapa)
Juliana Andrea Oliveira Batista (Embrapa)
Juliana Izete Muniz Bezerra (Iphan)
Julio Costa Leite (BNDES)
Marcello Broggio (FAO)
Marco Aurélio Pavarino (MAPA)
Marcos Matias Cavalcante (BNDES)
Maria Consolacion Fernandes Villafane Udry (Embrapa)
Maria Julia Alves de Pinho (BNDES)
Marina Caldas Verne (Embrapa)
Natália Guerra Brayner (Iphan)
Patrícia Bustamante (Embrapa)
Pedro Gustavo Morgado Clerot (Iphan)
Renata Zambello de Pinho (Embrapa)
Roselis Simonetti (Embrapa)

Coordenação de edição
Juliana Izete Muniz Bezerra

Revisão e preparação de textos
João Roberto Correia
Jane Simoni Almeida Eidt
Juliana Izete Muniz Bezerra
Kátia Brasilino Michelan
Ludivine Eloy Costa Pereira
Marcello Broggio
Natália Guerra Brayner
Roselis Simonetti

Elaboração do Mapa
Flora Campos Barros

Direção de Arte
Ronaldo Nogueira

Diagramação
Érica Cristina Ferreira dos Santos (a partir do projeto gráfico de Bruno de Melo Vianna)

Comitê de Análise e Seleção
André Luis de Oliveira Araújo (MAPA)
Edson Guiducci Filho (especialista convidado)
Jane Simoni Eidt (Embrapa)
João Roberto Correia (Embrapa)
Juliana Izete Muniz Bezerra (Iphan)
Ludivine Eloy (especialista convidada)
Marcello Broggio (FAO)
Natália Guerra Brayner (Iphan)
Nurit Bensusan (especialista convidada)
Renata Zambello de Pinho (Embrapa)

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br
dpi@iphan.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, IPHAN

P925

Prêmio BNDES de boas práticas para sistemas agrícolas tradicionais : 2ª edição : ações exemplares de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial e conservação dinâmica de sistemas agrícolas tradicionais / organização, BNDES [et al.]. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF : 21 megabytes). – Brasília: IPHAN, 2021.

55 p. ; 23 x 25 cm.

Modo de acesso: https://www.gov.br/iphan/pt-br
ISBN: 978-65-86514-37-7

1. Sistemas agrícolas tradicionais. 2. Patrimônio imaterial. I. IPHAN. II. Embrapa III. FAO.

CDD 338.1

Elaborado por: Odilé Mª M. Viana de Souza – CRB-1/2120

Sumário

7 Apresentação

14 O edital BNDES

18 Ações Premiadas

20 Ações habilitadas finalistas

22 Casa das Frutas de Santa Isabel do Rio Negro

26 Conservação da Agrobiodiversidade através da Rede de Bancos Comunitários de Sementes da Paixão do Território da Borborema

30 Candidatura ao Programa Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial – Sipam/FAO/ONU, como estratégia de reconhecimento e valorização das comunidades de apanhadoras flores Sempre–Vivas

34 Ikioakakwa: Roça tradicional para o Ritual do Iyaokwa

38 Feira de Sementes Tradicionais do Povo Indígena Krahô

40 Guardiões e Guardiãs do Cerrado em defesa dos territórios das Comunidades tradicionais de Fecho de Pasto

42 Conservação dos estoques pesqueiros e fortalecimento da associação ASPAR e dos pescadores de Porto de Moz

44 Festa do Kukuho (espírito da mandioca)

46 Conservação dos Potreiros tradicionais, através do aproveitamento e uso das espécies vegetais nativas

48 Catálogo de Sementes Crioulas do Alto Jequitinhonha

Anexos

50 Mapa das ações premiadas

51 Créditos das Fotografias



Apresentação

Os principais objetivos do Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais – Prêmio BNDES SAT – são reconhecer e divulgar ações exemplares que promovem a salvaguarda de bens culturais imateriais associados à agrobiodiversidade e à sociobiodiversidade presentes nos sistemas agrícolas tradicionais no Brasil, tornando visíveis experiências de agricultores familiares que se reconhecem como povos e comunidades tradicionais. São práticas passadas de geração em geração, que são ao mesmo tempo tradicionais e inovadoras, constituindo bases para uma ampliação do repertório em matéria de agricultura e de tecnologia, particularmente em face às mudanças climáticas.

A premiação é realizada com recursos do Fundo Social do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e conta com a parceria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO).

O Fundo Social do BNDES apoia investimentos nas áreas de inclusão produtiva, serviços urbanos, saúde, educação, desportos, justiça, meio ambiente e outras vinculadas ao desenvolvimento regional e social. Nos últimos anos, o Fundo tem direcionado grande parte dos investimentos para projetos de inclusão produtiva, em sinergia com outras políticas públicas, tendo como público-alvo agricultores familiares e seus empreendimentos, com ênfase em mulheres, jovens, produtores que adotem sistemas agroecológicos e povos e comunidades tradicionais. Em sua modalidade de premiação, o Fundo visa ao reconhecimento e à difusão de práticas exemplares relacionadas à sua missão de contribuir para a inclusão social e produtiva de populações de baixa renda.

A construção do Edital para seleção das iniciativas teve como perspectiva a articulação entre políticas públicas de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial e aquelas ligadas ao uso, manejo e conservação da biodiversidade nativa e cultivada. Embora as políticas e instrumentos de cada instituição envolvida com a elaboração do Edital tenham especificidades, há um compartilhamento no propósito de dar visibilidade, fortalecer e apoiar as condições de sustentabilidade dos Sistemas Agrícolas Tradicionais (SATs) existentes no Brasil, tendo como pressuposto o desenvolvimento de processos participativos e o fortalecimento das comunidades envolvidas.

O reconhecimento das práticas adotadas pelos povos e comunidades tradicionais, associado ao fortalecimento social e produtivo desses públicos, é de grande importância para aumentar a contribuição da agricultura para a segurança e soberania alimentar e nutricional, possibilitando a ampliação das ações de manejo sustentável no uso da biodiversidade brasileira e colaborando para uma maior sustentabilidade ambiental das práticas agrícolas no país.

A 1ª Edição do Prêmio BNDES SAT, lançada em setembro de 2017, recebeu 63 propostas de candidatura e as 15 primeiras colocadas foram premiadas[1]. A cerimônia de Premiação e Capacitação ocorreu em Brasília nos dias 18 e 19 de junho de 2018. Das ações premiadas, cinco localizam-se na região Sudeste, três na região Sul, três na região Nordeste, três na região Norte e uma na região Centro-Oeste. Um mosaico da diversidade cultural também é perceptível nas ações reconhecidas, perpassando as trajetórias de mulheres quebradeiras de coco babaçu, vazanteiros, geraizeiros, comunidades quilombolas, agricultores familiares sertanejos e litorâneos, pescadores tradicionais e povos indígenas de diferentes etnias[2].

Após análise das candidaturas da 1ª Edição do Prêmio BNDES SAT, os organizadores perceberam que uma única edição desse Prêmio não seria suficiente para expressar a riqueza dos SATs brasileiros. Cabe ressaltar que alguns dos SATs já conhecidos não conseguiram reunir e enviar a tempo as informações necessárias à candidatura, uma vez que boa parte dos grupos/comunidades detentoras dos SATs apresentam fragilidades e localizam-se em regiões de difícil acesso do país, portanto, com dificuldades de comunicação e deslocamento. Em decorrência do sucesso da experiência da primeira edição do Prêmio BNDES SAT, aliado à necessidade de identificar e dar visibilidade às inúmeras práticas, aos saberes e aos modos de vida dos agricultores familiares, povos indígenas e comunidades tradicionais do Brasil, houve a decisão da segunda edição do Prêmio.

Em 18 de dezembro de 2018, a Diretoria do BNDES autorizou a realização da 2ª Edição do Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais, no valor global de até R$ 610.000,00. Nessa edição, que aqui apresentamos, foram premiadas mais 10 ações

[1] Os 5 primeiros colocados receberam R$ 70.000,00 e os 10 demais colocados receberam o valor de R$ 50.000,00. Além desses valores, os grupos sociais/comunidades detentoras dos SATs premiados que enviaram um ou mais representantes ao Evento de Premiação e Capacitação receberam o valor bruto adicional de R$ 5.000,00 para viabilizar essa participação.

[2] O catálogo das premiadas na 1a edição está disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/premio_bndes_de_boas_praticas.pdf>.

de boas práticas de Sistemas Agrícolas Tradicionais no país. Os 3 primeiros colocados receberam o valor bruto de R$ 70.000,00, cabendo aos demais 7 premiados o valor bruto de R$ 50.000,00.

Este catálogo descreve as propostas premiadas em 2020 que, mais uma vez, permitiram alcançar todas as regiões brasileiras, do Norte (3 ações premiadas) ao Sul (1 ação), do Nordeste (2 ações) ao Centro-Oeste (2 ações), bem como o Sudeste (2 ações). A diversidade de culturas e tipos de ações também é abrangente, pois as premiadas são comunidades indígenas, pescadores, agricultores e criadores que trabalham com frutas, sementes, preservam o cerrado, conservam estoques pesqueiros e manejam flores nativas – o que, mais uma vez, evidencia a riqueza étnica e cultural do Brasil.

O plano plurianual do BNDES de Implementação de sua Política de Responsabilidade Social e Ambiental (PRSA) para o triênio 2018-2020 estabelece uma agenda de trabalho relacionada à temática socioambiental, na qual se destaca a incorporação de desafios e oportunidades relacionados às mudanças climáticas e à promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Busca-se, assim, alinhar a atuação do Banco com temas relevantes nas agendas internacional e nacional de desenvolvimento, conforme expectativas da sociedade, políticas públicas vigentes e tendências observadas no setor financeiro, estabelecendo um claro posicionamento estratégico do Banco. Nesse sentido, o reconhecimento das boas práticas dos Sistemas Agrícolas vai ao encontro dos objetivos da atual agenda de trabalho da Política de Responsabilidade Social e Ambiental do BNDES.

Para o Iphan, o reconhecimento, promoção e visibilidade dados à diversidade cultural envolvida nas práticas premiadas reitera sua missão institucional e, também, os compromissos internacionais de preservação do patrimônio cultural brasileiro, já que o Prêmio BNDES SAT se mostra como mais um importante instrumento para a identificação e promoção de bens culturais de natureza imaterial do país, que estão em profundo diálogo com a diversidade biológica brasileira, fundamental para sua produção e reprodução social. São modos de vida, saberes e ofícios, celebrações e ritos que existem e se perpetuam a partir das relações das mais diversas comunidades tradicionais com o campo, a terra, o ambiente rural, ribeirinho, a floresta etc. Além disso, o Prêmio tem o mérito de incentivar e fortalecer a articulação, mobilização e formação de redes comunitárias em torno dos Sistemas Agrícolas Tradicio-

nais, fortalecendo as próprias comunidades detentoras dos saberes que constituem esses sistemas exemplares e que são as maiores responsáveis pela sua preservação.

Para a Embrapa, essa Edição do Prêmio BNDES SAT representa uma importante iniciativa para apoiar os processos de consolidação dos SATs no âmbito do desenvolvimento territorial brasileiro, fortalecendo o seu reconhecimento e valorizando sua gente, abrindo perspectivas para a inclusão social e produtiva, a melhoria da qualidade de vida, mas conservando, de forma dinâmica, os conhecimentos e as relações sócio-culturais. Desde 2016, a Embrapa atua em parceria com o Iphan em ações de identificação dos SATs no Brasil, por meio de um Acordo de Cooperação Técnica. As iniciativas das duas edições do Prêmio BNDES SAT compõem parte das metas relacionadas com o mapeamento dos SATs brasileiros. Além disso, tais iniciativas retroalimentam projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação, especialmente aqueles relacionados ao entendimento do potencial dos recursos naturais para atendimento de especificidades econômicas, socioambientais e culturais de populações presentes nos diferentes territórios brasileiros, aí incluídos os desafios colocados pelas mudanças climáticas. Ao mesmo tempo, as edições do Prêmio deixam visíveis a diversidade e a resiliência dos sistemas agrícolas tradicionais do nosso país e colocam, para a Embrapa, a oportunidade e o desafio de ampliar e aprofundar a Pesquisa, o Desenvolvimento e a Inovação associadas a esses sistemas, contribuindo para valorizar as paisagens alimentares, os produtos e o saber-fazer e, por consequência, o patrimônio cultural e o conhecimento tradicional brasileiro.

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) salienta a bela oportunidade que o Prêmio BNDES SAT representa, servindo para destacar a relevância desses sistemas agrícolas e seu potencial de contribuição para a bioeconomia do país, os quais servem de inspiração e fonte de conhecimentos para o desenvolvimento de tecnologias para o setor agropecuário nacional. Cabe destacar que os sistemas agrícolas tradicionais encontraram no âmbito do Programa Bioeconomia Brasil – Sociobiodiversidade, lançado em junho de 2019, e coordenado pela Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo, uma nova referência de apoio para a estruturação de arranjos produtivos e roteiros de integração em torno de produtos e atividades da sociobiodiversidade.

É oportuno, também, mencionar que, após analisar minuciosamente o material submetido pelos participantes, a equipe do MAPA envolvida na iniciativa percebe que vários dos

Sistemas Agrícolas presentes nas duas edições do Prêmio têm potencial para obterem o reconhecimento internacional, por meio do programa Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial (Sipam) da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), cuja internalização no Brasil tem sido foco de atuação do Ministério.

Para a FAO, os sistemas agrícolas tradicionais (SAT) são fruto da genialidade coletiva de comunidades agrícolas no mundo todo e, com o intuito de reconhecê-las, foi lançada em 2002 a proposta Sipam acima mencionada (conhecida também como GIAHS - *Globally Important Agricultural Heritage Systems*). O Sipam tornou-se um Programa em 2015, e conta atualmente com 62 sítios reconhecidos em 22 Países. Em 2020, a FAO outorgou o título ao primeiro sítio Sipam/GIAHS brasileiro, o Sistema Agrícola Tradicional da Serra de Espinhaço Meridional (MG). Ao parabenizar o BNDES e seus parceiros – Embrapa, Iphan e MAPA – a FAO avalia que o Prêmio de Boas Práticas lançado em 2017 é uma importantíssima iniciativa para estimular a emersão de um bom número de sistemas agrícolas não conhecidos e documentados, além de incentivar os esforços, das próprias comunidades detentoras em primeiro lugar e de seus parceiros na academia, na sociedade civil e nos governos locais, para a manutenção e o fortalecimento daqueles já conhecidos. A FAO participa, ainda, de um esforço interinstitucional com as instituições parceiras para o desenho de uma governança nacional para o Programa, que pode vir a resultar em um programa nacional de reconhecimento de sistemas importantes do patrimônio agrícola.

A certeza da importância desta premiação para a salvaguarda destes Sistemas Agrícolas Tradicionais, possibilitando a ampliação das ações de manejo sustentável no uso da biodiversidade brasileira e colaborando para a conservação dos biomas, a preservação do patrimônio cultural e uma maior sustentabilidade ambiental das práticas agrícolas no país nos estimula a continuar, sobretudo, pela satisfação de poder premiar iniciativas de qualidade como as agraciadas nas duas edições do Prêmio BNDES SAT. Dar-lhes visibilidade é a nossa parcela do prêmio.

Tassos Lycurgo Galvão Nunes - Diretor de Patrimônio Imaterial – Iphan
Julio Costa Leite – Superintendente da Área de Gestão Pública e Socioambiental – BNDES
Fernando Henrique Kohlmann Schwanke – Secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo – MAPA
Rafael Zavalla – Representante da FAO no Brasil
João Paulo Veloso Silva – Chefe da Embrapa Alimentos e Territórios

Equipe do BNDES:
Julio Costa Leite – *Superintendente da Área de Gestão Pública e Socioambiental*
Conrado Leiras Matos – *Chefe do Departamento de Educação e Investimentos Sociais*
Marcos Matias Cavalcante – *Gerente*
Fernanda Regina Munareto – *Arquivista*
Bruno Fernando Reis Malburg – *Engenheiro*

Equipe do Iphan:
Tassos Lycurgo Galvão Nunes – *Diretor de Patrimônio Imaterial*
Deyvesson Israel Alves Gusmão – *Coordenador-geral de Identificação e Registro*
Rívia Ryker Bandeira de Alencar – *Coordenadora-geral de Promoção à Sustentabilidade*
Pedro Gustavo Morgado Clerot – *Coordenador de Identificação*
Natália Guerra Brayner – *Coordenadora de Apoio à Salvaguarda de Bens Registrados*
Juliana Izete Muniz Bezerra – *Técnica da Coordenação de Identificação*
Aline Beatriz Miranda da Silva – *Técnica da Coordenação de Apoio à Salvaguarda de Bens Registrados*

Equipe da Embrapa
Jane Simoni Eidt Almeida – *Pesquisadora da Secretaria de Inteligência e Relações Estratégicas*
Patrícia Goulart Bustamante – *Pesquisadora da Embrapa Alimentos e Territórios*
Roselis Simonetti – *Analista da Secretaria de Inteligência e Relações Estratégicas*
Renata Zambello de Pinho – *Pesquisadora da Secretaria de Inovação e Negócios*
Juliana Andrea Oliveira Batista - *Analista da Secretaria de Inovação e Negócios*
Marina Caldas Verne – *Analista da Secretaria de Inovação e Negócios*
João Roberto Correia – *Pesquisador da Embrapa Alimentos e Territórios*
Maria Consolacion Fernandes Villafane Udry – *Analista da Secretaria de Inovação e Negócios*

Equipe do MAPA
Fernando Henrique Kohlmann Schwanke – *Secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo*
Andressa Beig Jordão - *Diretora de Estruturação Produtiva*
Marco Aurélio Pavarino – *Coordenador-Geral de Extrativismo*
André Luis de Oliveira Araújo – *Coordenador de Estruturação da Sociobiodiversidade*
Anderson de Moura Bonilha – *Colaborador consultor da Coordenação de Estruturação da Sociobiodiversidade*
Victor Vinicius Ferreira de Lima - *Colaborador consultor da Coordenação de Estruturação da Sociobiodiversidade*

Equipe da FAO
Rafael Zavalla – *Representante da FAO no Brasil*
Marcello Broggio – *Oficial de projetos*



O Edital do BNDES

O Prêmio BNDES SAT é fruto de diálogos iniciados em 2015, diante da necessidade das instituições parceiras de identificarem e conhecerem quem eram os detentores de Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil. A ideia de salvaguardar esses patrimônios culturais demandava uma abordagem sistêmica que extrapolava a missão institucional do Iphan; era preciso olhar para os sistemas agrícolas tradicionais e suas comunidades produtoras a partir de diferentes óticas, envolvendo outras políticas públicas setoriais e outros agentes institucionais. Para planejar uma agenda dessa natureza, é preciso conhecer a diversidade das formas e usos sociais dos biomas, bem como entender as interrelações entre homens, mulheres e natureza. Dessa forma, a iniciativa da premiação teve como objetivos gerais reconhecer e divulgar boas práticas de salvaguarda e conservação dinâmica de bens culturais imateriais associados à agrobiodiversidade e à sociobiodiversidade presentes nesses Sistemas. Visou, ainda, promover os sistemas de uso do ambiente, paisagens e estratégias agroalimentares de agricultores familiares e de povos e comunidades tradicionais brasileiras.

A ênfase da premiação em sua 2ª edição é o reconhecimento de 10 (dez) ações consideradas boas práticas de salvaguarda e conservação dinâmica de Sistemas Agrícolas Tradicionais já realizadas ou com etapas concluídas, tendo como base a data de publicação do Edital (2019), em território nacional.

Foram consideradas boas práticas as ações que foram exitosas, tanto na sua execução quanto em seus resultados, e que mereçam divulgação e reconhecimento público. Ainda, como objetivos específicos do edital, procuramos: ampliar a visibilidade dos Sistemas Agrícolas Tradicionais do Brasil, fomentando sua identificação e promoção; incentivar e fortalecer a articulação, mobilização e formação de redes comunitárias em torno dos SATs para a valorização e manutenção das práticas que contribuem para a transmissão de conhecimentos entre as gerações; gerar subsídios para criação e implantação de políticas públicas específicas, uma vez que as inscrições forneceram uma amostra das iniciativas de boas práticas para salvaguarda e conservação dinâmica dos SAT no território brasileiro; e, por fim, reconhecer e documentar boas práticas relacionadas a Sistemas Agrícolas Tradicionais, de forma a gerar subsídios para que as instituições divulguem e fomentem junto aos grupos alcançados na premiação políticas públicas e instrumentos internacionais voltados para esse público.



As três primeiras colocadas foram premiadas com o valor de R$ 70.000,00 (setenta mil reais) e as demais, com o valor de R$ 50.000,00 (cinquenta mil reais). Os comitês Gestor e de Análise e Seleção foram compostos pelos seguintes profissionais das instituições parceiras: André Luis de Oliveira Araújo (MAPA), Bruno Malburg (BNDES), Edson Guiducci Filho (especialista convidado), Jane Simoni (Embrapa), João Roberto Correia (Embrapa), Juliana Andrea (Embrapa), Juliana Izete Bezerra (Iphan), Ludivine Eloy (especialista convidada), Marcello Broggio (FAO), Marina Verne (Embrapa), Natália Brayner (Iphan), Nurit Bensusan (especialista convidada), Renata Pinho (Embrapa) e Roselis Simonetti (Embrapa).





Ações Premiadas

Ações Premiadas

Ordem de classificação	Entidade proponente	Nome da Ação de Boa Prática	Município onde foi localizada a ação
1	Associação das Comunidades Indígenas do Médio Rio Negro -ACIMRN	Casa das Frutas de Santa Isabel do Rio Negro	Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira e Barcelos – AM
2	Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema	Conservação da Agrobiodiversidade através da Rede de Bancos Comunitários de Sementes da Paixão do Território da Borborema-PB	Alagoa Nova, Algodão de Jandaíra, Arara, Areial, Casserengue, Esperança, São Sebastião de Lagoa de Roça, Lagoa Seca, Massaranduba, Montadas, Queimadas, Remígio e Solânea - PB
3	Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas	Candidatura ao Programa Sistemas importantes do Patrimônio Agrícola Mundial - Sipam/FAO/ ONU, como estratégia de reconhecimento e valorização das comunidades apanhadoras de flores Sempre-Vivas	Diamantina, Presidente Kubistchek e Buenópolis - MG
4	Associação Etnocultural Indígena Enawene Nawe	Ikioakakwa: Roça tradicional para o Ritual do Iyaokwa	Comodoro - MT

Ordem de classificação	Entidade proponente	Nome da Ação de Boa Prática	Município onde foi localizada a ação
5	Centro Cultural Kàjire	Feira de Sementes Tradicionais do Povo Indígena Krahô	Goiatins e Itacajá – TO
6	Associação Comunitária dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Clemente – ACCFC	Guardiões e Guardiãs do Cerrado em defesa dos territórios das comunidades de Fecho do Pasto	Correntina – BA
7	Associação dos Pescadores Artesanais de Porto de Moz – ASPAR	Conservação dos estoques pesqueiros e fortalecimento da Associação ASPAR e dos pescadores de Porto Moz	Porto de Moz – PA
8	Associação Indígena Ulupuwene	Festa do Kukuho	Gaúcha do Norte – MT
9	Centro de Tecnologias Alternativas Populares	Conservação dos Potreiros Tradicionais através do aproveitamento e usos das espécies vegetais nativas – Rio Grande do Sul	Vacaria, Monte Alegre dos Campos, Ipê, São Francisco de Paula e Campestre da Serra – RS
10	Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica	Catálogo de Sementes Crioulas do Alto Jequitinhonha	Turmalina, Veredinha e Minas Novas – MG

Ações habilitadas finalistas

As ações abaixo foram finalistas desta Edição, tendo sido configuradas como boas práticas em sistemas agrícolas tradicionais, em conformidade com o Edital. Elas não receberam o prêmio, mas compõem a diversidade de sistemas agrícolas atualmente presentes no território brasileiro.

Entidade proponente	Nome da Ação de Boa Prática	Município onde foi localizada a ação
Associação dos Seringueiros, Produtores e Artesãos Kaxinawá de Nova Olinda – ASPAKNO	Roçados Sustentáveis	Feijó –AC
Sindicato dos Trabalhadores Rurais Assalariados e Agricultores Familiares do Município de Rio Pardo de Minas/ MG – STTR	Práticas de proteção e restauração hídrica do Moleira	Rio Pardo de Minas – MG
Associação Indígena Tupinikim da Aldeia Pau Brasil – AITUPIAPABRA	Raízes Tupinikim	Aracruzes – ES
Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE	Festa da Banana Quilombola	Nossa Senhora do Livramento – MT
Instituto Palmas	Banco de Sementes do Ouricuri	Pariconha – AL
Associação Central das Comunidades Veredeiras – ACEVER	Manejo de Sementes Crioulas pelas Comunidades Veredeiras do Norte de Minas Gerais	Januária – MG
Associação Indígena Enawene Nawe	Cultivo da Mandioca Brava / Ketekwa	Comodoro – MT

Entidade proponente	Nome da Ação de Boa Prática	Município onde foi localizada a ação
Fundação Brasil Cidadão para Educação, Cultura, Tecnologia e Meio Ambiente – FBC	Cultivo e beneficiamento sustentáveis de algas marinhas – Projeto "Mulheres de Corpo e Alga"	Icapuí – CE
Associação Indígena Kiriri da Aldeia Pau Ferro	Culturas da Mandioca, Feijão, Milho e Limpeza de Fontes de Aguadas	Banzaê –BA
Comunidade Morada da Paz	Projeto Oju Aye: Construindo soberania e segurança alimentar e nutricional em território Kilombola Triunfo/ Montenegro–RS	Triunfo – RS
Unidade Central das Agroindústrias Familiares Rurais do Oeste Catarinense – UCAF	Qualificação do Sistema agroalimentar do queijo de leite cru de Seara/Santa Catarina	Seara–SC
Associação dos Agricultores Familiares Feirantes de Turmalina – AFTUR	Orgânicos Jequitinhonha	Turmalina, Minas novas, Chapada do Norte, Veredinha –MG
Associação das Povos Indígenas da Terra São Marcos – APITSM	Sistema Agrícola da Mandioca	Pacairama, Boa Vista– RR

Casa das Frutas de Santa Isabel do Rio Negro

Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira e Barcelos – AM

Instituição Proponente: Associação das Comunidades Indígenas do Médio Rio Negro – ACIMRN

A Casa das Frutas de Santa Isabel do Rio Negro faz parte das ações do projeto "Cadeias de Valor da Sociobiodiversidade", fruto da parceria entre a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – Foirn e o Instituto Socioambiental – ISA, do qual a Associação de Comunidades Indígenas do Médio Rio Negro – Acimrn é uma das beneficiárias. A estruturação dessa agroindústria é uma das ações previstas no plano de salvaguarda desse SAT, elaborado pelos indígenas, entre os anos de 2014 e 2016, com apoio direto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, em decorrência do seu reconhecimento como Patrimônio Cultural do Brasil em 2010 (http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/75).

O projeto contou com o apoio da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – Foirn, do Instituto Socioambiental – ISA, do Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento da França – IRD e da Universidade de Campinas – Unicamp, essas últimas duas instituições vinculadas ao projeto Populações Locais, Agrobiodiversidade e Conhecimentos Tradicionais – Pacta, por meio de uma pesquisa participativa entre pesquisadores da universidade, do ISA e moradores locais em articulação com a Acimrn e a Foirn.

A iniciativa premiada refere-se à estruturação e à gestão da cadeia de valor de produtos desenvolvidos com frutas secas no município de Santa Isabel do Rio Negro, o que implicou na elaboração de um projeto arquitetônico e na construção de uma casa de beneficiamento de frutas secas no município. A casa será utilizada por agricultores de comunidades indígenas de diversas etnias da região. O Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro estende-se pelo território tradicional de 23 povos indígenas, dispersos por um complexo de cerca de 300 milhões de hectares; no município de Santa Isabel do Rio Negro existem mais de 60 comunidades multiétnicas localizadas em terras indígenas reconhecidas ou em processo de reconhecimento pela Funai.

Foram realizadas diversas oficinas e reuniões entre 2017 e o início de 2019 para a realização de levantamentos de produção e sazonalidade dos frutos do SAT nas comunidades indíge-



nas. Detectou-se, então, quais os frutos prioritários para processamento na Casa das Frutas, visando atender o mercado privado e a merenda escolar (via Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE). A Casa será equipada com base nos frutos prioritários elencados pelas comunidades detentoras do SAT e os detentores seguem em articulação nas comunidades para o levantamento e o planejamento da produção, bem como para a realização de plantios tradicionais visando ao abastecimento da agroindústria.

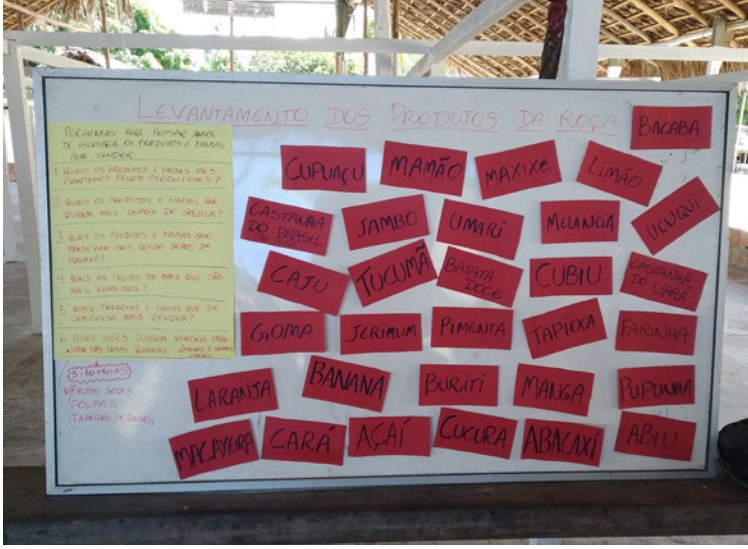









SOCIOAMBIENTAL


LEVANTAMENTO DOS PRODUTOS DA ROÇA
CUPUAÇU
MAMÃO
MAXIXE
LIMÃO
BACABA
CASTANHA DO BRASIL
JAMBO
UMARI
MELANCIA
UCUQUI
CAJU
TUCUMÃ
BATATA DOCE
CUBIU
CASTANHA DO PARÁ
GOMA
JERIMUM
PIMENTA
TAPIOCA
FARINHA
LARANJA
BANANA
BURITI
MANGA
PUPUNHA
MACAXEIRA
CARÁ
AÇAÍ
CUCURA
ABACAXI
ABIU


AÇAÍ
Açaí, banana e nada mais
25g
CUPUAÇU
cupú, banana e nada mais
50%
AÇAÍ
Açaí, banana e nada mais
Pacová
Pacová



Conservação da Agrobiodiversidade através da Rede de Bancos Comunitários de Sementes da Paixão do Território da Borborema

Alagoa Nova, Algodão de Jandaíra, Arara, Areial, Casserengue, Esperança, São Sebastião de Lagoa de Roça, Lagoa Seca, Massaranduba, Montadas, Queimadas, Remígio e Solânea – PB

Instituição Proponente: Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema

A iniciativa "Conservação da agrobiodiversidade através da Rede de Bancos Comunitários de Sementes da Paixão do Território da Borborema" é a segunda colocada nessa edição do Prêmio. A Rede se organizou em 1993, tendo como objetivo inicial mapear e animar o resgate e conservação das sementes crioulas, conhecidas como Sementes da Paixão em dois municípios paraibanos. Ao longo de sua trajetória, treze municípios do Território da Borborema implantaram Bancos de Sementes comunitários, compondo uma rede que atualmente conta com 60 Bancos Comunitários que, juntos, armazenam 27 toneladas de sementes crioulas, distribuídas em 13 espécies e 145 variedades.

A Rede de Bancos Comunitários de Sementes da Paixão atende 4.308 famílias, possui 1.304 guardiãs/guardiões de sementes envolvidos, 736 mulheres e 568 homens, dos quais 120 são jovens agricultores e agricultoras. Nos últimos anos tem atuado no campo do acesso às políticas públicas e da construção de parcerias com universidades. Com uma trajetória amadurecida de trabalho em rede, novas conquistas desafiam sua trajetória, principalmente em relação ao enfrentamento da contaminação das sementes de milho por transgênicos e à estruturação de um Unidade de Beneficiamento de Derivados do Milho livres de transgênicos.

O Território da Borborema, situado na região do semiárido da Paraíba, possui uma tradição na agricultura familiar de base agroecológica. Nesse território, 21% da sua população (143.269) habita na zona rural, dos quais 46% (66.014) são agricultores familiares, que desenvolvem suas atividades em 24.708 estabelecimentos. Dos 21 municípios, 13 (Alagoa Nova, Algodão de Jandaíra, Arara, Areial, Casserengue, Esperança, Lagoa de Roça, Lagoa Seca, Massaranduba, Montadas, Queimadas, Remígio e Solânea) vêm adotando um modelo de produção familiar agroecológica que busca associar desenvolvimento com sustentabili-



dade, por meio de atividades economicamente viáveis, envolvendo mão de obra familiar, evitando a contaminação do meio ambiente e produzindo alimentos saudáveis e diversificados.

Os agroecossistemas de produção familiar, de base agroecológica, no Território da Borborema baseiam-se na policultura, com cultivos voltados para a subsistência, comercialização e forragem. A produção animal está voltada para subsistência e comercialização, com a criação de bovinos, suínos e aves; a produção vegetal subdivide-se em culturas anuais, roçados de diferentes variedades de feijão, fava, milho, batata inglesa, batata-doce, macaxeira, erva-doce; fruteiras, coqueiros, goiabeiras, graviola, acerola; árvores e cerca-viva, sabia, avelós, nim, gliricídia; forrageiras, palma forrageira, capim elefante, melancia forrageira, cana-de-açúcar; quintais, hortaliças e plantas medicinais. Nas comunidades existem as atividades coletivas como o Fundo Rotativo, o Banco Comunitário de Sementes, a Associação Comunitária, o Sindicato Rural, ações religiosas, entre outras. Segundo pesquisa realizada com as raças de milho do Brasil, algumas das variedades de sementes, como o milho jabatão amarelo, vermelho, branco, o milho pontinha e o milho gabão, existem somente no Território da Borborema.

Parte da colheita é armazenada em sementes em bancos comunitários/familiares garantindo o plantio nos anos seguintes. O restante é utilizado na alimentação familiar, doações/trocas, alimentação animal e comercialização. Os dejetos animais e folhagens geram esterco e biofertilizantes, constituindo ciclos de sustentabilidade dos agroecossistemas. Os Bancos de Sementes Comunitários (BSC) são organizações importantes no manejo da biodiversidade, na garantia do plantio, na segurança alimentar e nutricional e no fortalecimento dos laços de solidariedade entre as famílias. Em períodos de seca, esses bancos socorrem muitas famílias, garantindo sementes para o plantio e, até mesmo, para alimentação.






1ª Caminhada
Ecológica e Cultural
2017






Companhia Na
Ministério da Agricu
dimento
dimento
CONAB: NÃO CONTAMINE
NOSSAS SEMENTES DA PAIXÃO
COM MILHO TRANSGÊNICO






069

Candidatura ao Programa Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial – Sipam/FAO/ONU, como estratégia de reconhecimento e valorização das comunidades de apanhadoras flores Sempre-Vivas

Diamantina, Presidente Kubistchek e Buenópolis - MG

Instituição Proponente: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas - CAA-NM

O "Dossiê e Plano de Conservação Dinâmica- PCD para candidatura ao Programa Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial – Sipam da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO/ONU", construído pelas comunidades apanhadoras de flores Sempre-Vivas, com o apoio da Comissão de Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas (Codecex), do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas - CAA/NM, do poder público e de outros parceiros locais, constitui a terceira ação premiada por esse edital. O processo participativo de construção dos documentos resultou em aprendizado e maturidade político-estratégica para as partes envolvidas, ao colocar as comunidades tradicionais, até pouco tempo invisibilizadas ou em situação de conflito com as políticas públicas que os excluíam, em contato e negociação direta com os poderes públicos municipais e estadual, experiência reconhecida como boa prática de salvaguarda e conservação dinâmica de SAT.

Em 2020, as comunidades de apanhadoras de flores Sempre-Vivas dos municípios de Diamantina, Presidente Kubistchek e Buenópolis, da porção meridional da Serra do Espinhaço, no estado de Minas Gerais, representadas pela Codecex, receberam o título de Sistema Importante do Patrimônio Agrícola Mundial pelo programa homônimo (Sipam) da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). Esse título internacional foi o reconhecimento das iniciativas de povos e comunidades tradicionais da região que desenvolvem agriculturas originárias, que misturam conhecimentos indígenas com saberes de imigrantes portugueses e africanos do período colonial e que possibilitam a manutenção dessas comunidades e da rica biodiversidade nativa e cultivada da região.



Esse SAT localiza-se na área de transição do Cerrado para Mata Atlântica, em sua porção oriental, e conta com uma variedade de ambientes, desde campos nativos de serras (1.400m) até baixadas de vazantes de rios (600m). Combina uma ampla gama de conhecimentos tradicionais de manejo desses ambientes, o que preserva desde a água até a biodiversidade nativa e cultivada, além de sua riqueza cultural. As famílias conjugam agricultura – criação – coleta de flores, coexistindo com todos os ambientes naturais. Nas partes baixas, existem policultivos com quintais agroflorestais ao redor das moradias com alta densidade de espécies alimentares e de criação de animais de pequeno porte; nas partes altas (campos), a criação de animais de grande porte; em diferentes altitudes realizam coleta/manejo de espécies nativas para alimentação, práticas tradicionais de medicina, festejos e celebrações, construções domésticas e plantas ornamentais para comercialização e geração de renda. Essas comunidades possuem um modo de vida em estreita relação com o rico patrimônio agrícola e cultural em uma paisagem manejada que tem perdurado ao longo do tempo.











Ikioakakwa: Roça tradicional para o Ritual do Iyaokwa

Comodoro – MT

Instituição Proponente: Associação Etnocultural Indígena Enawene Nawe

A iniciativa apresentada pela Associação Etnocultural Indígena Enawene Nawe é a quarta colocada no 2° Prêmio BNDES SAT, com a ação "Ikioakakwa: Roça tradicional para o Ritual do Iyaokwa", localizada na Terra Indígena Enawene Nawe, que ocupa um território no estado Mato Grosso, onde o bioma Cerrado encontra-se em transição para o bioma Amazônico. Os Enawene Nawe são cotidianamente ameaçados por pressões ambientais, econômicas, territoriais e políticas. A partir da década de 1970, a ocupação populacional na região se intensificou, com a abertura de estradas e o asfaltamento da BR 364, motivada pela exploração de borracha, minério e madeira – transformando rapidamente a paisagem. Durante as décadas de 1980 e 1990 e primeira década do século XXI, as invasões de terras foram também frequentes, motivadas pela extração ilegal de madeira, pelo garimpo, pela pesca e pelas tentativas de traçados para abertura de estradas clandestinas.

A ação premiada foi o feitio de uma roça tradicional dos Enawene Nawe, com apoio da Funai, que disponibilizou equipamentos e combustível, e das duas associações indígenas Enawene Nawe, que também contribuíram no suporte logístico, com o fornecimento de gêneros alimentícios e combustível. Essa roça é destinada à realização do ritual Iyaokwa (ou Yaokwa), que, junto dos rituais Kateoko, Saluma e Lerohi, preenchem o ano das práticas cerimoniais dos Enawene Nawe. Cada ritual corresponde a um mito, assim como a músicas específicas, instrumentos musicais, pinturas e adornos corporais. Do mesmo modo, os rituais correspondem a uma dinâmica própria de relações sociais que se atualizam a cada realização. Cultivar a terra é uma atividade extremamente relacionada às performances músico-rituais ligadas ao Yaokwa, a sua mais longa e importante celebração, reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Iphan em 2010. Com duração de sete meses, o ritual define o princípio do calendário anual Enawene, quando se dá a saída dos homens para a realização da pesca coletiva de barragem. Para realizar o ritual, os Enawene Nawe se dividem entre os Harikare e os Yaokwa, em conformidade com os clãs que organizam sua sociedade. Os Harikare são os anfitriões, ou seja, os responsáveis pela organização do ritual e, como tais, permanecem na aldeia junto às mulheres, devendo preparar o sal vegetal, cuidar da lenha, acender o fogo e oferecer os alimentos, assim como limpar o pátio e os caminhos. Os Yaokwa são os pescado-











res, que partem em expedições para acumular uma grande quantidade de peixe defumado e, assim, retornar para a aldeia e oferecer a pesca aos Yakairiti (Dossiê IPHAN, 2010. http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/74).

Os maiores desafios de salvaguarda do SAT, segundo os Enawene Nawe, derivam da ação dos espíritos, atores fundamentais na composição do cosmos indígena, causadores de doenças e todo tipo de sofrimento e dificuldades. Outro desafio é o crescimento populacional, que forçou a expansão da área de abrangência da comunidade, afastando as áreas produtivas dos arredores da aldeia. A falta de equipamentos e combustível é apontada como importante dificuldade pelos indígenas.

A roça, Ikioakakwa, é realizada com a finalidade de preparar o ritual Yaokwa durante dois anos, desde o preparo, até a colheita. Realizada de forma circular numa sequência de dois anos, a roça é plantada segundo a lógica clânica dos Enawene Nawe e funciona por meio de rodízios entre os dois clãs de anfitriões do Ritual. No primeiro ano, os anfitriões fazem as derrubadas e o preparo do solo e no segundo ano seguem no preparo do solo, plantio e zelo das áreas cultivadas, para, durante o ritual, realizarem a colheita e o processamento dos alimentos, auxiliados por suas filhas e parentela extensa. O espaço de cultivo é imediatamente limítrofe ao espaço da aldeia, estabelecido radialmente e de forma expansiva em torno da aldeia de modo circular. No que tange às categorias geracionais, inicia-se pelos processos de derrubada e plantio pela área central para os velhos; em sua expansão, vêm as áreas dos adultos; e as áreas periféricas correspondem às áreas dos jovens.

Os principais produtos da roça Ikioakakwa são a mandioca, batata-doce, cará, urucum, araruta e feijão. O SAT alimenta toda a comunidade durante o ritual (que envolve ainda a pesca por barragens), ligado de forma direta à cosmologia, memória coletiva e histórica desse povo indígena. Ao todo, são nove clãs Enawene Nawe, sendo dois deles responsáveis pelo papel de anfitriões do ritual. A cada dois anos mudam os clãs que representam esse papel, de modo que, ao longo do tempo, todos possam ocupar posições distintas na relação de troca ritual.



O ritual Yaokwa, além de reconhecido como patrimônio cultural do Brasil pelo Iphan em 2010, foi incluído, em 2011, na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial que Requer Medidas Urgentes de Salvaguarda, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco. A premiação desse SAT reconhece a relevância do saber fazer e dos modos de vida tradicionais dos Enawene Nawe e ressalta a centralidade do sistema agrícola tradicional para a sua continuidade enquanto povo.

Feira de Sementes Tradicionais do Povo Indígena Krahô

Goiatins e Itacajá – TO

Instituição Proponente: Centro Cultural Kàjire – Aldeia Pedra Branca

A trajetória do Povo Krahô é marcada, desde a década de 1940, pelo embate com a frente colonizadora, que avançava na região do seu território. As estratégias de reprodução física e social desse povo, historicamente nômade, eram baseadas, até aquele momento, pela caça e extrativismo dos produtos da savana, onde a agricultura cumpria um papel de integração com os ciclos estacionais.

Como as terras ancestrais do povo Krahô eram cobiçadas, sua população foi dizimada e forçosamente deslocada de grande parte dos territórios. Os sobreviventes tiveram que se adaptar e assumir um estilo assentado de vida, dentro dos limites da Terra Indígena de 302 mil hectares que lhes foi destinada. Essa mudança drástica lhes trouxe implicações profundas, como o aumento de sua atividade agrícola e, por consequência, a necessidade de cultivar as próprias variedades tradicionais – como milho, batata doce, mandioca, fava e feijão andu. Muitas dessas variedades de cultivos haviam se perdido neste processo, mas um técnico da FUNAI articulou as lideranças Krahô com o Centro da Embrapa de Recursos Genéticos (Cenargen), no qual algumas dessas sementes perdidas estavam conservadas nas câmaras de criopreservação.

A relação de apoio e confiança que se estabeleceu com alguns pesquisadores do Cenargen foi prenúncio de uma longa cooperação, que dura até os dias de hoje. Por meio dessa cooperação, não apenas foram reintroduzidas algumas das sementes perdidas, mas também foram implementadas diversas ações de salvaguarda da cultura tradicional, como a Feira de Sementes Tradicionais, que é a mais célebre delas e que foi objeto de premiação da 2ª edição do edital BNDES-SAT.

A Feira foi realizada pela primeira vez em 1997, e conta até hoje com dez edições, sendo a última realização no ano de 2017. Nas edições mais recentes, a Feira se tornou uma referência de troca de sementes, artesanato e saberes entre etnias indígenas do bioma cerrado, de outros biomas e até de outros países, congregando uma série de representantes de etnias diversas.







Guardiões e Guardiãs do Cerrado em defesa dos territórios das Comunidades tradicionais de Fecho de Pasto

Correntina – BA

Instituição Proponente: Associação Comunitária dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Clemente – ACCFC

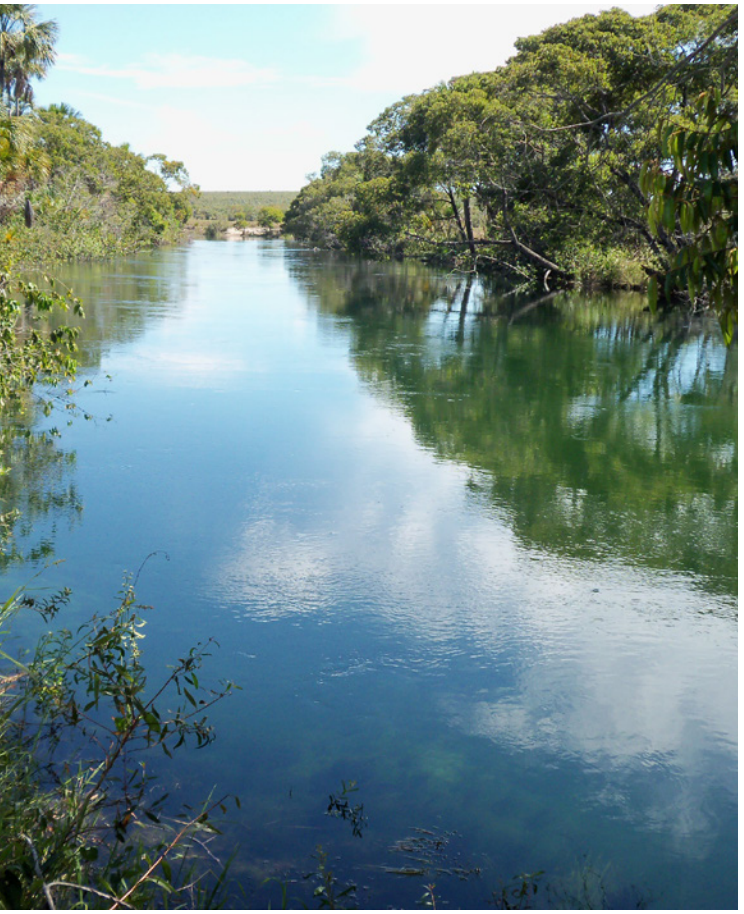
Os sistemas tradicionais de pecuária de solta e de irrigação das Comunidades Tradicionais de Fecho de Pasto do Oeste da Bahia se caracterizam pelo uso de terras comunais para criação de gado na solta e o extrativismo. Além disso, as famílias praticam a agricultura em lotes individuais, nos vales próximos às moradias, onde os solos são mais férteis, graças a um sistema de irrigação tradicional. Os regos, construídos com enxada no início do século XX, captam a água nas nascentes e percorrem quilômetros para irrigar as roças e os quintais durante o longo período seco. A partilha da água depende de uma complexa organização social. Essa prática foi responsável pela agrobiodiversidade, autossuficiência e prosperidade da região, famosa por sua produção de açúcar de forma, rapadura, farinha e carne. Existe uma complementaridade entre a criação de gado, o extrativismo e a agricultura. Os fechos são os provedores de pastagem nativa, água e plantas nativas. O estrume de gado e a palha de arroz servem para fertilizar as roças, que providenciam a complementação alimentar dos animais.

A partir dos anos 1970, as famílias resolveram cercar ("fechar") áreas coletivas, para facilitar o manejo do gado, formando os vários "Fechos de Pastos". Nos últimos 20 anos, as famílias tiveram que se adaptar à degradação ambiental e ao êxodo rural provocados pelo avanço da agricultura industrial nas chapadas, além das mudanças climáticas e da proibição do uso do fogo. Elas experimentaram novas técnicas de irrigação, novos calendários de solta do gado, novas rações animais, novas formas de geração de renda e novas relações com os Gerais.

Desde os anos 2000, frente ao ressecamento dos brejos e dos seus canais tradicionais de irrigação e às novas frentes de grilagem de suas terras, a Associação Comunitária dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Clemente – ACCFC, no vale do Rio Arrojado, se mobilizou para implementar diversas ações de gestão territorial e valorização dos conhecimentos agroecológicos tradicionais associadas ao seu modo de produzir e de se relacionar com o Cerrado. O vale do rio Arrojado (município de Correntina) conta com 27 fechos de pasto, que representam cerca de 110.000 hectares de Cerrado conservado. A ACCFC representa









um destes territórios coletivos, o fecho de pasto de Clemente, que equivale a 3.424 hectares e que é secularmente usado por 20 famílias, distribuídas nas comunidades de Praia, Catolés, Bonito, Busca Vida, Jatobá e Malhadinha. O projeto “Guardiões e guardiãs do Cerrado em defesa dos territórios das comunidades de Fechos de Pasto” estimulou a articulação política das comunidades de fecho de pasto no nível regional, estadual e nacional.

Conservação dos estoques pesqueiros e fortalecimento da associação ASPAR e dos pescadores de Porto de Moz

Porto de Moz – PA

Instituição Proponente: Associação dos Pescadores Artesanais de Porto Moz – ASPAR

A Associação dos Pescadores Artesanais de Porto de Moz – ASPAR atua desde os anos 1980 em prol da conservação dos estoques pesqueiros e do fortalecimento da organização de pescadores artesanais do Município de Porto de Moz no Pará, com destaque para a defesa dos acordos de pesca enquanto instrumentos de governança do uso dos recursos naturais e para a participação no movimento de criação da Reserva Extrativista Verde para Sempre, no ano 2000. As atividades da ASPAR tiveram início no combate às grandes companhias geleiras que realizavam pesca de puçá no município, gerando impacto negativo nos recursos hídricos acessados pelas comunidades ribeirinhas tradicionais da região. A ASPAR vem desenvolvendo, desde então, ações importantes na organização dos pescadores artesanais de Porto de Moz, tanto na sensibilização para a prática sustentável da atividade da pesca, como no fortalecimento organizacional dessa categoria e das comunidades de tradição pesqueira.

A iniciativa premiada refere-se à preservação de um sistema tradicional de pesca artesanal e de implementação de acordos de pesca no uso sustentável de recursos hídricos e manejo das áreas coletivas de pesca na Resex Verde Para Sempre.

O SAT é conformado pela atividade pesqueira tradicional, pela agricultura de várzea e pela criação de rebanhos bovino e de búfalos. As áreas aquáticas coletivas de manejo e uso sustentável dos recursos hídricos estão localizadas dentro e fora da Resex Verde Para Sempre. Os pescadores artesanais são de famílias ribeirinhas que habitam essa região amazônica desde os anos 1940. A pesca artesanal é a principal fonte de alimento e de proteína, além de ser complemento da renda das famílias de pescadores artesanais e dos moradores de áreas próximas dos rios, bem como de extrativistas em geral.












ASPAR

Festa do Kukuho (espírito da mandioca)

Gaúcha do Norte –MT

Instituição Proponente: Associação Indígena Ulupuwene

A iniciativa premiada está localizada na Região do Alto Xingu, envolvendo a etnia Wauja, especificamente a aldeia Ulupuwene. Nas roças coletivas e individuais, existe a festa ou ritual do Kukuho, que ocorre no primeiro dia da colheita da mandioca, e se constitui como uma celebração relacionada ao trabalho e a forma com que os Wauja lidam com a natureza, de modo a garantirem boas plantações para agradar o espírito Kukuho e estabelecendo, assim, uma relação de merecimento para se relacionarem com ele. Kukuho é o espírito dono da mandioca, chamado de lagarta. No ato de plantar a mandioca, os indígenas rezam e cantam para o espírito e para a mandioca ser produtiva em todos os aspectos, para as plantações individuais e/ou coletivas. O canto e a reza estão sempre presentes. Existem três cantos fundamentais que ocorrem durante a plantação: Kuwatãi (espécie de mandioca), Yuma (espécie de mandioca), Sume (espécie de lagarta). Os cânticos são entoados pelo agricultor e pelos familiares que estiverem no local.

Antes de começar a plantação da mandioca, o costume é fazer a casa do dono da mandioca. A "Casa do Kukuho" é constituída por várias ramas de mandioca no mesmo espaço. As mandiocas plantadas ali vão brotar e logo surgem outras espécies de mandioca, as quais são identificadas pelos detentores, por meio da prática de identificação das folhagens da mandioca e da coloração de suas ramas, método que permite conhecer quais tipos de mandioca serão trabalhados. Outra técnica interessante é a preparação do solo, por meio do mato queimado que o fertiliza, propiciando um adubo ideal para o crescimento da mandioca.

Os sistemas de roças itinerantes dentro do Parque Indígena do Xingu estão centrados sobre a produção de polvilho e seus rituais associados (nesse caso, a Casa do Kukuho, cantos, pinturas e festa do Kukuho), e também no manejo dos pequizais nas capoeiras.













Conservação dos Potreiros tradicionais, através do aproveitamento e uso das espécies vegetais nativas

Vacaria, Monte Alegre dos Campos, Ipê, São Francisco de Paula e Campestre da Serra – RS

Instituição Proponente: Centro de Tecnologias Alternativas Populares / Coletivo das agroflorestas e frutas nativas da Região dos Campos de Cima da Serra do RS

Os potreiros compõem um "Sistema Agrossilvipastoril Tradicional", no qual, historicamente, foram realizados distintos manejos, especialmente, a roçada seletiva das espécies de ocorrência natural com a criação de animais, um arranjo característico desses sistemas. Além de compor a diversidade do patrimônio genético local, as pastagens naturais, também possibilitam uma dieta variada para os animais. Essas pastagens, além disso, subsidiam a dinâmica sociocultural e a manutenção da vida das famílias que moram em pequenas propriedades e que se dedicam à produção de mel, lenha e madeira, frutas, pinhão e ervas medicinais. O SAT desenvolve, também, uma função ecológica de reservar elementos da paisagem, conservando e preservando a flora e fauna nativas.

Historicamente, a prática mais comum desse SAT é a roçada de limpeza, associada ao manejo dos animais e à coleta de lenha e pinhão. Recentemente, com o trabalho de valorização das frutas nativas, os agricultores passaram a introduzir espécies locais para futura produção e coleta, com o propósito de comercializá-las através da cadeia solidária das frutas nativas do RS.

O coletivo de trabalho sobre agroflorestas e frutas nativas da região dos campos de Cima da Serra do RS é denominado Câmara temática das Agroflorestas e envolve, desde famílias de agricultores, até organizações parceiras que, através de experiências e organizações coletivas, potencializam ações estratégicas para a conservação dos sistemas tradicionais (potreiros) e de promoção da conservação das agroflorestas.









Catálogo de Sementes Crioulas do Alto Jequitinhonha

Turmalina, Veredinha e Minas Novas – MG

Instituição Proponente: Centro de Agricultura Alternativa 'Vicente Nica' – CAV / Agricultores(as) rurais familiares guardiões de sementes crioulas

A iniciativa premiada constitui na elaboração coletiva de um catálogo de sementes crioulas da região do Alto Jequitinhonha, envolvendo a coleta, registro e resgate de variedades da agrobiodiversidade local e regional.

Esse sistema agrícola, também conhecido como "Semente de Paiol", é desenvolvido por agricultores/as familiares que realizam o resgate e conservação de sementes crioulas, na região semiárida do Vale do Jequitinhonha (MG), cujo relevo é marcado pela presença de chapadas e grotas, espaços nos quais, historicamente, as famílias rurais desenvolvem sua agricultura, a criação de gado e o extrativismo. A agricultura familiar é ainda a base da subsistência dos camponeses, que encontram nas feiras livres a sua principal fonte de renda, servindo tais feiras de instrumento para abastecimento alimentício das cidades e para aquecimento da economia local.

Para manutenção do SAT, os agricultores utilizam técnicas do universo de conhecimentos da agricultura familiar: uso da cobertura morta do solo, realização de consórcio de plantas, plantação em curvas de nível e irrigação por gotejamento – métodos de conservação do solo e da água, em razão do caráter semiárido e das terras degradadas da região. Além do processo produtivo, destaca-se a boa prática de armazenamento, conservação e multiplicação de sementes crioulas.



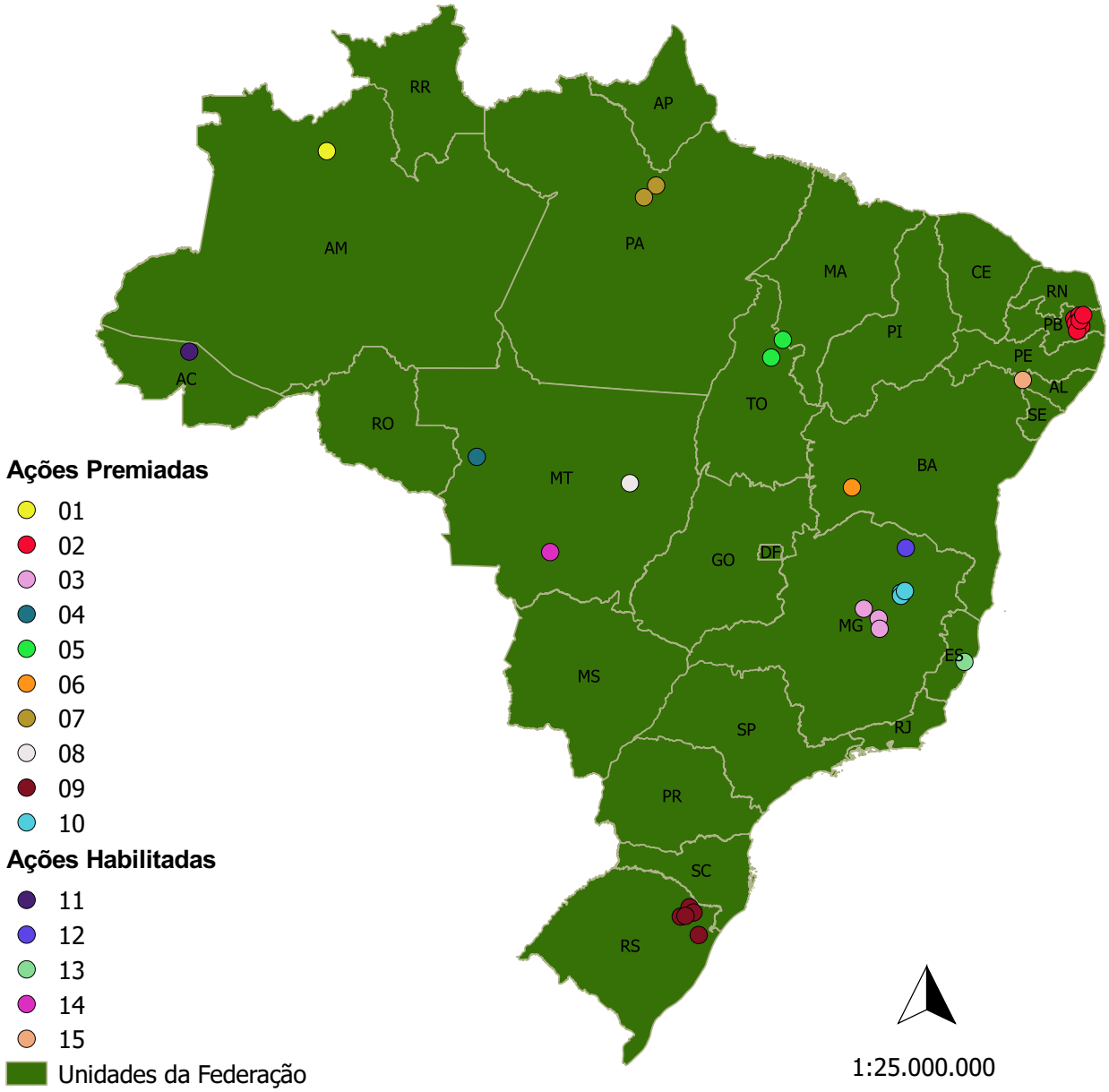



I ENCONTRO DE GUARDIÕES (ÃS) E
FEIRA DE SEMENTES CRIOULAS DO ALTO
JEQUITINHONHA





Anexo 1
Mapa das Ações Premiadas



Anexo 2
Créditos das Fotografias

Foto da capa – Colheita de bananas pacová agroecológicas em roça tradicional, que serão enviadas para teste de desidratação na cozinha experimental de São Gabriel da Cachoeira – AM. Foto: Carlos Demeterco.

Pág 6 – Reserva Extrativista Verde para Sempre – Pará. Foto: Acervo da ASPAR.

Pág 13 – Apanhadores de Sempre-Vivas – MG. Foto: João Roberto Ripper.

Pág 15 – Ritual Yaokwa do Povo Indígena Enawene Nawe, Aldeia Halaitakwa – MT (2017). Foto: Imagem cedida pela equipe do projeto "Os ciclos do Yokwa entre os Enawene Nawe: qualificação e documentação de registros do Salomã", Iphan/Sociedade de Amigos do Museu do Índio-SAMI (2016-2018). Acervo Iphan.

Págs 16 e 17 – Família realizando a colheita de butiá em áreas de potreiro. 2018. Foto: Alvir Longhi / CETAP.

Pág 23 – Nazária Mandú Lopes colhe pimentas em sua roça, próxima à comunidade Canadá, no rio Ayari, Terra Indígena Alto Rio Negro – AM. Foto: Carol Quintanilha / ISA.

Pág 24 – Topo esquerda – Dona Cecília, indígena do povo Baré, bolsista do projeto Cadeias de Valor, realiza testes de desidratação de banana e outras frutas em Santa Isabel do Rio Negro – AM. Foto: Carlos Demeterco

Topo direita – Oficina promovida pela ACIMRN em parceria com o ISA na comunidade Cartucho para a priorização de frutos que serão processados inicialmente na Casa das Frutas. Foto: Carlos Demeterco

Abaixo esquerda – Casa das Frutas de Santa Isabel do Rio Negro, na sede da ACIMRN/FOIRN. Foto: Natalia C. Pimenta / ISA

Abaixo direita – Lenilza Ramos Tuyuka, bolsista do projeto Cadeias de Valor, realiza testagem de produtos da sociobiodiversidade indígena. Foto: Carlos Demeterco

Pág 25 – Destaque – Colheita de bananas pacová agroecológicas em roça tradicional que serão enviadas para teste de desidratação na cozinha experimental de São Gabriel da Cachoeira – AM. Foto: Carlos Demeterco.

Topo direita: Levantamento de produtos da roça realizado na comunidade Cartucho para escolha dos frutos prioritários para início das atividades da Casa das Frutas. Foto: Carlos Demeterco.

Centro direita –Cesta com produtos da desidratação de frutas do Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro – AM. Foto: Wilde Itaborahy.

Abaixo direita – Resultados do Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro, testagem de desidratação de frutos e alimentos da roça. Foto: Carlos Demeterco.

Pág 27 – Pesquisa participativa sobre raças de milho. Foto: Acervo Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Pág 28 – Topo à esquerda – Dona Terezinha, guardiã de Solânea – PB. Foto: Acervo Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Abaixo esquerda – 8ª Festa Estadual das Sementes da Paixão. Foto: Acervo Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Topo direita – Banco Comunitário de Sementes em Montadas – PB. Foto: Acervo Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Abaixo direita – Família guardiã em Arara – PB. Foto: Acervo Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Pág 29 – Topo esquerda – Encontro da Comissão de Sementes do Pólo da Borborema. Foto: Acervo Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Centro esquerda – Sr. Paulo e D. Terezinha, Guardiões de Remígio. Foto: Acervo Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Abaixo esquerda – Banco de Sementes Comunitário Guritibas – Queimados. Foto: Acervo Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Topo direita – Protesto Conab na Festa das Sementes da Paixão em 2015. Foto: Acervo Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Abaixo direita: Festa Estadual das Sementes da Paixão de 2017. Foto: Acervo Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Pág 31 – Colheita de flores sempre-vivas. Foto: João Roberto Ripper.

Pág 32 – Sistemas Agroalimentares – planejado para os viventes da comunidade. Foto: João Roberto Ripper.

Pág 33 – Topo direita – Tempo das flores, tempo de campinas. Foto: Valda Nogueira.

Abaixo direita – Tempo das flores, tempo de campinas. Foto: Valda Nogueira.

Topo esquerda – Extrativismo praticado no Sistema Agrícola Tradicional. Foto: Valda Nogueira.

Abaixo esquerda – Manifestações Culturais dos Apanhadores de Flores – Folia na Comunidade de Macacos. Foto: Valda Nogueira.

Pág 35 – Topo esquerda – Roças de mandioca para realização do ritual Yaokwa (2020). Foto: Associação Etnocultural Indígena Enawene Nawe.

Abaixo esquerda – Roças de mandioca para realização do ritual Yaokwa (2020). Foto: Associação Etnocultural Indígena Enawene Nawe.

Topo direita – Mulheres fiando (2008) — Foto: Marcus Malthe. Acervo IPHAN.

Abaixo direita – Crianças brincando de Yaokwa (2008) .Foto: José Maria Andrade, Acervo IPHAN.

Pág 36 – Ritual Yaokwa do Povo Indígena Enawene Nawe – MT. Foto: Acervo Iphan.

Pág 37 – Construção da barragem de pesca de Yaokwa (2017). Foto: Imagem cedida pela equipe do projeto "Os ciclos do Yokwa entre os Enawene Nawe: qualificação e documentação de registros do Salomã", Iphan/Sociedade de Amigos do Museu do Índio-SAMI (2016-2018). Acervo Iphan.

Pág 39 – Topo – Corrida de Tora de Buriti (Mauritia flexuosa) dos Krahô realizada durante a 8ª Feira Krahô de Sementes Tradicionais (ano 2010). Foto: Ubiratan Piovezan.

Abaixo esquerda – Oficina de confecção da farinha de batata-doce durante a 9ª Feira de Sementes Tradicionais Krahô (ano 2013). Anciã Krahô fazendo farinha de batata doce. Foto: Terezinha Dias.

Abaixo direita – Colheita de urucum. Foto: Terezinha Dias.

Pág. 41 – Topo esquerda – Plantio de mudas, prática de muvuca realizada através de mutirão na nascente da Vereda do Rancho, área coletiva da comunidade (ano 2016). Foto: Acervo ACCFC — Associação Comunitária dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Clemente.

Abaixo esquerda – Rio Arrojado, principal riqueza da comunidade, fonte de água para abastecimento humano, animal, irrigação e principal área de lazer para todas as pessoas

das comunidades (2017). Foto: Acervo ACCFC – Associação Comunitária dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Clemente.

Topo direita – Mudas de buriti usadas para plantar às margens dos riachos em recuperação. Os riachos abastecem o rio e os canais de irrigação tradicionais das comunidades. (ano 2015). Foto: Acervo ACCFC – Associação Comunitária dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Clemente.

Abaixo direita – Comunidade a caminho do mutirão. Foto: Acervo ACCFC – Associação Comunitária dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Clemente.

Pág. 43 – Topo esquerda – Fiscalização no acordo de pesca da Enseada. Ano 2016. Foto: Acervo da ASPAR.

Centro esquerda – Mutirão para construção da fábrica de gelo. Ano 1998. Foto: Acervo da ASPAR.

Abaixo esquerda – Capacitação em gestão de Pescadores e Pescadoras. Ano 2000. Foto: Acervo da ASPAR.

Topo direita – Pesca no acordo de pesca da Enseada. Foto: Acervo da ASPAR.

Centro direita – Reunião para criação da ASPAR. Ano 1993. Foto: Acervo da ASPAR.

Abaixo direita – Sócios fundadores. Ano 1997. Foto: Acervo da ASPAR.

Pág 45 – Topo esquerda – Ferramentas utilizadas para a colheita da mandioca e preparo de alimento tradicional. Note que nessas ferramentas há desenhos representando o kukurro (que se materializa através de uma lagarta)– Aldeia Ulupuwene, 2018. Foto: Fabio Freitas

Centro esquerda – Ferramentas utilizadas para a colheita da mandioca e preparo de alimento tradicional – Aldeia Ulupuwene, 2018. Foto: Fabio Freitas

Abaixo esquerda – Agricultor mostrando uma plântula de mandioca originada por semente, que traz diversidade ao sistema. O agricultor distingue a planta de mandioca de semente devido a "orelhinha" – folhas cotiledonais (2004). Foto: Fabio Freitas.

Topo direita – Vista geral da aldeia Ulupuwene, da etnia Waurá, no Parque Indígena do Xingu – 2019. Foto: Celso Viviani

Centro direita – Membros da comunidade entoando cantos e oração em volta de uma casa do kukurro, durante preparação da roça – Aldeia Ulupuwene, 2018. Foto: Fabio Freitas.

Abaixo direita – Agricultora ralando raízes de mandioca para consumo – Aldeia Ulupuwene, 2019. Foto: Celso Viviani.

Pág 47 – Topo esquerda: Encontro para discutir a rede regional de valorização e uso das espécies nativas associada a conservação da paisagem local e dos potreiros. 2019. Foto: Alvir Longhi / CETAP.

Abaixo esquerda – Bolacha de pinhão feita e comercializada pelos atores envolvidos no trabalho de conservação dos potreiros. Foto: Alvir Longhi / CETAP.

Topo direita – Família realizando a colheita de butiá em áreas de potreiro. 2018. Foto: Alvir Longhi / CETAP.

Abaixo direita – Colheita de Butiá para produção de polpa em área de potreiro. 2017. Foto: Alvir Longhi / CETAP.

Pág 49 – Topo esquerda – Sirléia e Honorato – Casal de agricultores guardiões de sementes crioulas em sua propriedade. Foto: Acervo CAV.

Abaixo esquerda – Encontro de guardiões e feira de sementes em Turmalina (2019). Foto: Acervo CAV.

Topo direita – Casal de agricultores guardiões de sementes crioulas em sua propriedade (2019). Foto: Acervo CAV.

Centro direita – Zé Olaio, agricultor mostrando sementes crioulas de sua propriedade. Foto: Acervo CAV.

Abaixo direita – Agricultora armazenando sementes crioulas (2017). Foto: Arquivo CAV.

Impresso em papel couchê 90g (miolo) e papel couchê 170g (capa) pela gráfica e editora Ideal Ltda.
O corpo do texto deste livro foi composto com fontes da família Syabil, desenvolvida pelo artista
Eko Bimantara e disponibilizada gratuitamente no website www.dafont.com

Organização das Nações Unidas
para a Alimentação e a Agricultura

BNDES

Embrapa

IPHAN

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

GOVERNO
FEDERAL


FARINHA

Edições IPHAN